

ONDE A SEXUALIDADE, A COMUNICAÇÃO E A ECOLOGIA SE ENCONTRAM

Ana Cristina Teodoro da Silva/UEM

Resumo:

Procura-se mostrar o que três linhas de pensamento contemporâneas aparentemente desconexas têm em comum. São elas: a visão de mundo ecológica que busca evidenciar a fundamental integração do ser humano com a natureza; o questionamento da heteronormatividade que arranja a sociedade em pares binários e opostos (por exemplo: masculino x feminino; poder x submissão; cultura x natureza); o entendimento de que nos comunicamos em formato reticular, superando o esquema transmissão-recepção. O argumento leva a perceber que estas três tendências têm como intersecção o questionamento das dicotomias que geram posicionamentos conservadores e inadequados aos desafios contemporâneos. Percebe-se nelas a valorização do errante, do marginal e do movimento, comportamentos plenos de potenciais e criatividade.

Palavras-chave: sexualidade, comunicação, ecologia

Os argumentos a seguir propõem que reflexões contemporâneas sobre a sexualidade, oferecem uma premissa adequada à reflexão sobre a ecologia. Da mesma forma, uma compreensão contemporânea da ecologia implica na aptidão em pensar fenômenos da comunicação. Pretende-se mostrar que ecologia, comunicação e sexualidade podem tramar um espaço comum, seus sujeitos estão conectados, dependentes de um ambiente.

A visão de mundo ecológica que busca evidenciar a necessária integração (ou re-integração) do ser humano com a natureza; o questionamento da heteronormatividade que arranja a sociedade em pares binários (por exemplo: masculino x feminino; poder x submissão; cultura x natureza); o entendimento de que nos comunicamos em formato reticular, superando o esquema transmissão-recepção; estas três tendências têm uma intersecção importante.

Caso essa hipótese esteja correta, indica uma possibilidade ou mesmo uma urgência de reorganização dos saberes. Muito mais que a reinterpretação de tabelas, cursos e disciplinas, indicaria outras possibilidades de pensamento, de percepção, que já vem sendo explorada nas artes. No que diz respeito aos processos educacionais, tal



hipótese alteraria o que se entende por aprender, que não estaria associado a uma erudição cumulativa, e sim ao ser que se movimenta, que compreende e estabelece relações.

As empresas e trabalhadores de mídia estão já há décadas experimentando novos formatos de sons, escrita e imagens, que são cada vez mais integrados e intercambiáveis, gerando questionamentos fundamentais sobre o processo de produção e criação das mensagens, como creditar autorias, como aproveitar a possível interação com o público. É disso que se trata quando são discutidas gravações piratas, trabalhos copiados, a dinâmica cada vez mais ágil dos índices de audiência, a criação de espaços de retumbante sucesso como o Facebook e as divulgações no Youtube. Tais práticas que estão a ser pensadas, geram práticas correlatas nas relações sexuais, na atuação ecológica e na reflexão entre a natureza e a cultura.

Parte-se do entendimento de natureza presente em textos de Edgar Morin (1973); Serge Moscovici (2007); Humberto Maturana e Francisco Varela (2003). Estes autores dialogam e lapidam suas reflexões desde a década de 1970. O autor e as autoras que fundamentam o raciocínio no que diz respeito à sexualidade são Michel Foucault, Guacira Lopes Louro (2008) e Judith Butler (1999). Para as premissas da comunicação, trabalhamos com Gregory Bateson (1986), André Parente (2004) e Yves Winkin (1998).

No título deste texto, foi utilizado o termo ecologia, quando o mais adequado seria natureza. Estamos tão habituados a separar as coisas humanas da natureza, que a própria palavra natureza tornou-se zona de desconfiança. Pode parecer superficial discutir a “natureza humana”, mas não vemos problema nenhum em discutir a “relação do homem com a natureza”, como se fosse possível qualquer ação humana que não fosse também natural. Há ações humanas fundamentais que não conseguem ser catalogados ou como naturais ou como culturais. (Ver MORIN, 1973; MATURANA & VARELA, 2003). O saber psiquiátrico e psicanalítico, após Freud, não permite distinguir fronteiras bem delineadas entre o fisiológico e o cultural. As reflexões atuais sobre sexualidade também apontam para a impropriedade da separação entre comportamentos naturais e aprendidos.

A formação em Ciências Humanas, no Brasil, tem ensinado a combater o conceito natureza por temer a imposição, às humanidades, de paradigmas de



investigação desenvolvidos para a investigação da natureza. Caso agíssemos assim, entenderíamos que as ações humanas podem ser previsíveis e mecânicas. Entende-se que a natureza, seja o que for, é previsível e mecânica. Quando acontece uma catástrofe, da perspectiva humana, fica realmente muito difícil explicar como não foi prevista e contornada. A imprevisibilidade da recuperação de pessoas que sofreram lesão cerebral é debitada na conta do que ainda não se sabe, questão de tempo diante da certeza de que o conhecimento científico tem ou terá todas as respostas. Mais fácil que explicar que as funções cerebrais podem constituir um novo arranjo (SACKS, 1997). A criatividade neuronal para executar funções pode mesmo ser atrapalhada pela medicação, talvez gerando desconfortos no convívio social – mas tentarei não ser demasiado herética.

Foi (e é) realmente um grande esforço histórico deixar a natureza de fora dos assuntos humanos, e o custo é altíssimo. O sono, o sexo e o alimento, assim cruamente representados, parecem questões menores que sujeitam seres inferiores, como os “distantes animais”. Não gera estranhamento ouvir que dormir é perda de tempo. O alimento pode ser uma compulsão ou uma ração rápida, que não se sabe de onde veio. Passa a interessar apenas quando afeta a saúde pessoal, ou nem isso. Muito interessante que o campo da sexualidade é dos mais vigiados e dos que mais geram discurso. (FOUCAULT, 1979)

O conhecimento racional teria resolvido boa parte de tais questões fundamentais: facilitou a produção de alimentos, produziu remédios que induzem ao sono, liberou a sexualidade. A potência ideológica direcionada a manter a imagem do homem como ser prioritariamente racional é imensa, nosso sistema educacional é fundamentado nessa ilusão. E ainda persiste o entendimento de que vivemos em constante evolução no sentido de responder às perguntas mais básicas da existência. Há quantas décadas a cura do câncer está próxima? No que diz respeito à ética e relacionamento dentro da mesma espécie, o século XX poderia concorrer a campeão em conflitos, guerras, genocídios.

A concepção moderna gerou o entendimento de que homem e mundo, ou homem e natureza podem ser vistos separados. O homem passa a ser visto como o centro fundamental das coisas existentes. A razão humana é entendida como o instrumento adequado para o conhecimento da natureza, os procedimentos de conhecimento da natureza, portanto, são aqueles racionalmente possíveis, como a

indução e a dedução. A natureza é um obstáculo a ser ultrapassado, é matéria prima bruta a ser transformada, lapidada, consumida. A cosmologia já foi alterada pela ciência, há quase um século sabemos que mesmo o sol não é o centro, que o universo está em expansão e parece ser finito. Porém, a visão de mundo relativa à cosmologia anterior, de Copérnico e Galileu, continua hegemônica. Assim, opõem-se cultura e natureza, razão e emoção, aprendemos a conceber o mundo por pares: ou claro ou escuro; ou alto ou baixo; ou gordo ou magro.

Raciocinar por binarismos gera um grande limite epistemológico. Não somos razão ou emoção, matéria ou espírito, cultura ou natureza. Somos razão, emoção, matéria, espírito, cultura e natureza. Ao mesmo tempo. Com todas as zonas intermediárias, com todas as ligações possíveis, com direito a ir e vir, avançar e retroceder. Urge que nos reconheçamos como seres da natureza, o que não significa sermos como um relógio, e também não significa sermos predestinados a algo. Somos no corpo, no planeta, no espírito – ou, para quem preferir, no imaginário, na mentalidade. Não são sinônimos, mas nos interessa aqui sua intersecção, que nos permite continuar com o argumento que consideramos suficientemente forte para que tentemos não cair em binarismos estanques, aliás, esforço errante.

Nós somos constituídos de matéria estelar, nossos minerais são os mesmos das plantas, das águas, nosso código genético é muito semelhante ao de um rato, nós agimos como bichos (ou muito pior), esta lista poderia ser interminável. Outro binarismo a ser rompido é o fora x dentro. Qual funcionamento está apenas dentro de cada um de nós? Qual elemento está apenas no “mundo exterior”? (MATURANA & VARELA, 2003) Perceber tais relações e sincronicidades propõe um universo em construção, absurdamente interessante e poderoso, com o qual não cabe relação de dominação, mas sim de respeito, diálogo e encantamento.

O raciocínio por binarismos e oposições gerou alguns equívocos. Por exemplo, a oposição entre homem e animal, entre cultura e natureza, desenvolvida e consolidada nos últimos séculos. O problema não é a criação de diferentes conceitos que compreendem diferentes conjuntos, o problema é defini-los por oposição. No que diz respeito ao gênero, o oposto de masculino seria feminino, com isso, torna-se necessário elencar uma série de características que são exclusivamente do homem/masculino e outras características exclusivas da mulher/feminina.

Cada categoria se subdivide em outras, em um furor classificatório característico da ciência moderna. (FOUCAULT, 2007) É importante discutir também que os binarismos são faces da mesma moeda, cada face se relaciona com a outra e não pode ser definida sem seu par. Como definir claro sem referência de escuro? Como definir alto sem escala de baixo?

A partir da distinção fundamental de cada ser humano, ainda no ventre (“é menino ou menina?”), inicia-se o processo de educação a um papel determinado. É menina? Enxoval rosa, bonecas, será mais calma. Menino? Como chuta! Será jogador de futebol, roupinhas azuis, não pode ouvir uma voz feminina que se agita. A partir da distinção de sexo, associa-se automaticamente a identidade de gênero: se é menino, será masculino; obviamente, se é menina, será feminina. Daí outra oposição: masculino x feminino, o masculino deve estar apenas nos meninos e o feminino apenas nas meninas. A partir da identidade de gênero, manda a norma, os costumes e as expectativas que se estabeleça a orientação sexual: menino masculino deseja meninas; menina feminina deseja meninos. (LOURO, 1999)

Na lógica dos pares opostos com suas características elencadas, as mulheres são femininas, emocionais, próximas à natureza (que precisa ser domada, lapidada, civilizada, possuída). O homem é masculino, racional, ser da cultura (do intelecto, da objetividade, agente da história). Até poucas décadas, a história humana era a história dos homens. Devemos muitíssimo às feministas do século XX que denunciaram em altos brados as muitas manifestações do machismo e o controle da história, como símbolo de poder, pelos homens.

Cabe lembrar que o arranjo machista não é benéfico aos homens, não há porque carregarem sozinhos o fardo da história, com suas opções e tragédias. O ideal de homem é inatingível: invulnerável, racional, objetivo, provedor, forte. Cada um deve ser um Hércules, a cada dia da vida.

Não parece ser difícil imaginar porque a sexualidade é tão debatida e normatizada. A norma social prevê e prescreve homens masculinos que constituirão família com mulheres femininas e terão filhos e filhas que darão continuidade a esse arranjo, abençoado pela igreja e ratificado pelas lições escolares, livros didáticos e discursos midiáticos. Qualquer sexualidade diferenciada questiona, portanto, a família, a igreja e a escola, bem dito, em seus formatos tradicionais.

Parte fundamental do movimento gay, chamado identitário, discute e celebra a identidade gay, com todo direito e justiça. Também devemos muito aos movimentos sociais em geral que, literalmente, “deram a cara a tapa” e mostraram mais um tanto de exclusões e problemas que o arranjo social aparente segrega. A partir das reflexões geradas nestas experiências, e em diálogo com textos pós-estruturalistas, alguns pensadores da sexualidade, congregados em torno da chamada teoria *queer*, questionam as categorias discursivas que geram os fatos sociais. (LOURO, 2004) Feminino e masculino seriam, assim, categorias forjadas para o entendimento e classificação, e não um fato evidente. Situar-se como homossexual ou heterossexual tem função ordenadora, porém simplista diante da complexidade das práticas, experiências e potenciais humanos.

A sexualidade oferece um campo de reflexão e práticas que tendem a flexibilizar ou mesmo destruir os arranjos sociais cristalizados. Este movimento é altamente criativo, tem o potencial de construir alternativas a partir do diálogo, considerando as diferenças.

Joan Scott (2005) mostra que a política e a história precisam reconhecer a premissa do paradoxo! Exemplifica: o princípio da igualdade é absoluto, porém a experiência é histórica, ou seja, mutável. Ainda, os grupos, como os constituídos nos movimentos LGBTTTs, geram identidades, porém, ao mesmo tempo, dificultam a expressão da individualidade. E mais: as lutas por igualdade estão amparadas pelos mesmos termos excludentes da discriminação (ou o grupo é atendido ou o indivíduo é atendido). Scott alerta para o perigo em insistir em caminhos únicos, totalizantes, “ou isso, ou aquilo”. Na política – e, porque não ampliar, na produção do conhecimento – há que se reconhecer os paradoxos e trabalhar com eles.

As normas relativas ao sexo realizam, tornam reais corpos a serviço da heteronormatividade. (BUTLER, 1999) Aqueles que não se adequam às normas, são excluídos. Os discursos não são a origem ou a causa dos corpos, o que ocorre é que não há um corpo-referente puro que não seja, ao mesmo tempo, uma formação discursiva. E aparece o paradoxo: o sujeito que resiste às normas é possibilitado ou mesmo produzido pelas mesmas normas. Seria importante refletir sobre os corpos que não aparecem, como contraponto necessário de existência àqueles corpos que fazem sentido. As mesmas premissas cabem às experiências de sexualidade que não são “normais”.

Dentro da teoria queer, é possível perceber que o gênero existe enredado das teias que o constituem. Procura-se, então, mostrar o tecido que permite a performance do gênero e da sexualidade. (PRECIADO, 2004) Com isso, ocorre o questionamento tanto da cultura hegemônica, quanto do feminismo e da chamada cultura gay integracionista. Não é radical ser integracionista, é necessária a transgressão constante.

O poder, desta perspectiva, não se resolve nos termos das oposições dialéticas. O ativista político, em sua prática, necessariamente arrisca sua identidade e usa a subjetividade como laboratório, como campo de experimentação. O pertencimento, assim, é sempre fragmentado e as ações ocorrem em deslocamentos variados, múltiplos. (idem)

Ser queer é ser contra a normalização, viver a deriva. Arriscar-se, viver perigosamente. E ser assim alvo das pedagogias corretivas e de punições, reformas, exclusões. (LOURO, 2008) Ser queer é desfazer binarismos, subverter expectativas. A lógica binária gera hierarquia, classificação, dominação, exclusão. O queer desloca, é excêntrico. Sua pedagogia é interminável, admite questões insolúveis, perturbações, estranhamentos, sujeitos “incoerentes” e “descontínuos”. Teórico da comunicação, Gregory Bateson afirmava, que “(...) o conservadorismo está baseado na *coerência* e na *compatibilidade* e esses caminham juntos com o que denominei acima de *rigidez* do processo mental.” Bateson fundamenta que temos medo de “perder a coerência, a clareza, a compatibilidade e mesmo a *sanidade*, se abandonarmos o obsoleto.” (BATESON, 1986, p. 226) Note-se a correspondência com o entendimento de Guacira Louro.

Até meados do século XX, entendia-se que comunicação era o processo de transmissão de uma mensagem que parte de um emissor para um receptor. Desta forma, o objetivo é que a informação chegue completa e intacta a seu destino. Emissor e receptor compartilham o código em que a informação está representada. (WINKIN, 1998)

A recepção de uma mensagem não é apenas, no entanto, uma tarefa de decodificação. As experiências do leitor ou leitora interfere na constituição do significado. O suposto autor ou emissor trabalha com signos sempre incompletos, há sempre uma sobra, uma falta entre o objeto a ser representado e o signo que transmite a recepção. Autor ou emissor, tendo consciência dessa “folga”, pode trabalhar com ela e,



ainda, esperar as recepções mais diversas e criativas, como vêm fazendo a arte contemporânea.

Ao invés de imaginarmos linhas entre emissores e receptores, parece mais adequado imaginarmos nós em uma rede infinita. Cada mente ao produzir signos é um nó, que se formou em ligações com infinitos outros nós. (PARENTE, 2004) Os formatos signícos, neste caso, os veículos que levam informações, que representam objetos, parecem ser também infinitos, assim como incomensuráveis são os potenciais receptivos nas mais variadas mentes. Processos comunicacionais ocorrem desde as partículas dos átomos até as esferas cosmológicas. A constância e o movimento de tais processos têm muito a dizer sobre o que a vida é.

Estudos em Antropologia, Semiótica, Psicanálise, Literatura, além das Artes, ratificam por caminhos variados as premissas da comunicação contemporânea. Junto a eles, as experiências de comunicação pela rede de computadores, mensagens eletrônicas, espaços de expressão e interação virtuais como blogs, sites e comunidades, parecem apontar novas tendências que ultrapassam o formato dos conteúdos e suportes. A união do processamento de dados com as telecomunicações, disponibilizando portais de pesquisa e interação em aparelhos móveis e portáteis, geram demandas, sensação de conexão permanente e um ritmo de vida diferenciado.

Para deixar bem claro: as premissas da teoria comunicacional apresentada, do entendimento de natureza e da teoria queer apontam o raciocínio por binarismos como limitado e inadequado à cosmologia atual e aos desafios da contemporaneidade. Estamos em rede no que diz respeito aos signos comunicacionais. Esta afirmação abrange muito mais que assuntos telemáticos. Estamos em rede na experiência da vida, da qual faz parte o mistério (de onde viemos? para onde vamos?). Vida sem fim nem começo, mas vida que continua, se relaciona, cria novos arranjos. Cada conjunto que chamamos de ser vivo é um complexo infinito de relações que realizam a materialidade, alimentam, respiram, sentem, avaliam, morrem. Cada ser estabelece as mesmas relações com seu ambiente, avalia, sente, respira, é avaliado, alimenta a si, torna-se alimento. A sexualidade é uma característica natural e cultural, desafiante aos olhos atuais pois não permite distinguir com clareza os limites de sua filogenética, ontogenética, história e cultura.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR

UEM
Universidade
Estadual de
Maringá
ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

Caso possamos compreender que o desejo sexual une corpo e espírito, que a experiência erótica é pulsão de vida, que a repressão da pulsão erótica interrompe relações possíveis e, com elas, possíveis manifestações de vida e outros arranjos afetivos, plenos de possibilidades, caso possamos compreender isso, estaremos prontos a compreender nossa estadia em um todo que é, ao mesmo tempo, biológico, psicológico, cultural, físico, e que, desta forma, não pode mais ser explicado e vivenciado por dicotomias. As possibilidades futuras dependem das leituras que somos capazes de fazer dos textos das vidas, estamos a tecer os textos das vidas, em co-autoria com outras mentes que, inclusive, podem ser mais poderosas.

Referências

BATESON, Gregory. *Mente e natureza*. Tradução de Claudia Gerpe. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1986. [original: 1979]

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In. LOURO, Guacira Lopes (org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução Salma Tannus Muchail. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LOURO, Guacira Lopes (org). *Pedagogias da sexualidade. O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira. *Um corpo estranho*. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. 3. ed. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2003.

MORIN, Edgar. *O enigma do homem*. Tradução: Fernando de Castro Ferro. São Paulo: Círculo do Livro, s/d. [original: “Le paradigme perdu: la nature humaine”, 1973]

MOSCOVICI, Serge. *Natureza: para pensar a ecologia*. Tradução de Marie Louise Trindade Conilh e Regina Mathieu. Rio de Janeiro: Mauad X/Instituto Gaia, 2007.

PARENTE, André (org.) *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

PRECIADO, Beatriz. Entrevista com Jesús Carrillo, *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, jan./jun., 2004.

SACKS, Oliver. *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu e outras histórias clínicas*. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. *Estudos feministas*, Florianópolis, 13(1): 11-30, jan./abr. 2005.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1998.